

Enfermaria

Um

Autoficção em dezessete cenas.

Cenário

No palco nu, um amplo semicírculo com a parte aberta virada para a boca de cena, é formado por seis cadeiras de ferro pintadas de branco, daquelas típicas de hospital. No seu centro, uma cadeira de rodas antiga, pintada de vermelho.

Personagens

Matilde - Senhora idosa num impecável tailleur negro, mãe de Juvenal e mãe adotiva do Fauno.

Otávia – Mulher jovem e atraente, com roupas sensuais. “Ex” de Juvenal, mãe de Dodô.

Dodô – Menina dos seus doze anos, usa um traje de marinheira. Leva sempre um cachorro de pano ao colo, como um bebê.

Juvenal – Homem maduro, vestido de preto, com tênue maquiagem de palhaço.

O Fauno – Poeta, vestido de branco, usa discreta coroa de hera.

O Fantasma do Almirante – Um homem de idade avançada.

A luz sobe em resistência.

O vento forte sopra sobre as árvores. Os trovões. Uma vidraça quebrada. Um apito de marinha. O silêncio.

Cena 1

Sentados nas suas cadeiras, de costas para a plateia, todos oscilam em uníssono, ao sabor das ondas. A quinta e a sexta cadeira branca estão vazias, na quinta uma pequena pilha de livros, na sexta uma miniatura de coroa fúnebre. O Fauno está sentado aos pés de Juvenal de frente para a plateia, lendo um livro, e é o único que não oscila. A luz sobre ele é discretamente desigual.

O Fauno – (Sentado aos pés de Juvenal, lendo um livro.) Aquele vento, esses trovões, o relâmpago que anuncia de súbito o rompimento das vidraças do jardim de inverno! O corpo agoniza sobre o velho sofá vermelho. A natureza celebra com angústia os últimos suspiros do Velho Almirante.

Juvenal - (Na cadeira de rodas.) Depois o frio ardor do silêncio sem ondas. Na neblina, ouve-se um lamentoso apito de marinha. Toda sua tripulação no convés, rígida como insetos à espera das próximas ordens, pronta para os funerais de seu comandante em alto-mar.

Juvenal - Não se guardam os cadáveres nos porões dos navios.

O Fauno - Os furacões farejam a carne podre.

Dodô - (Gritando.) Ai! Cachorro filho da puta. Mordeu o bico do meu peitinho.

Otília - O que que o teu peitinho está fazendo na boca do totó, Dodô?

Dodô - Ele gosta, vovó. Que que eu posso fazer?

Matilde – Ela está treinando, Otávia. Depois os cachorros crescem. E os seios crescem com eles. E ambos estão no ponto para as grandes dentadas.

Dodô - O meu seio começou a ser mordido quando ainda era bem pequenininho. Mas não foi um cachorro, foi o teu marido, vovó, o Almirante.

Matilde – (Virando para a plateia.) Cala a tua boca, Domitila! Esses segredos de família, não se falam. Quer que eu te quebre os dentes.

Dodô – (Dodô, virando para a plateia e encarando Matilde.) Vai dizer que é mentira, vovó. A senhora via, via, que eu sei que via! E não fazia nada!

O Fauno - Calma, gente! Calma! Roupa suja se lava em casa. O espetáculo nem começou e vocês já estão brigando. Assim o meu negócio não vai prá frente.

Juvenal – É verdade, gente. Vamos trabalhar direito. Tem muita gente na plateia hoje e esse povo todo pagou ingresso. Quem paga e não recebe o que pagou, tem direito a reclamar. Ou a quebrar tudo e eu não quero problema.

Cena 2

Ouve-se um longo apito de marinha. Todos se levantam, ficam de frente para a plateia e fazem a mímica das tarefas dos marinheiros com as cordas.

Juvenal - (Mestre de cerimônia, para a plateia.) Respeitável público! (Pausa.) Essa é meio velha né? (Pausa.) Bom, vá lá! Mas eu acho que a única maneira de começar bem esse espetáculo é falar a verdade! (Aponta para o Fauno.) Foi ele que escreveu essa peça. E, por último mas não menos importante, o circo agora é de minha propriedade!

Matilde – Agora! Mas o circo era do meu marido, antes dele morrer! Era a sua paixão, além do mar.

Juvenal – Era! Mas agora é meu! Eu pago esses atores que vocês estão vendo aqui, senhores. E eles são pagos para fazer esse belíssimo espetáculo para vocês.

Otávia – Belíssimo! Uma titica de um teatrinho de merda. E nós somos mal pagos. Ele paga mal, senhoras e senhores. Muito mal pagos! (Para Juvenal.) Fala isso prá eles também, seu cachorro, fala!

Juvenal - Otávia, vamos trabalhar. No final do espetáculo você reclama.

Otávia - Depois que você gastou todo o nosso dinheiro com o teu uísque?

Juvenal – Eu deixo você beber comigo, Otávia. Depois a gente conversa.

Otávia - Canalha.

Juvenal - Vai deixar eu falar?

(Pequena pausa. Otávia se cala. Juvenal retoma.)

Juvenal – O fato é que esse circo já não foi feito para ensinar ou educar. Agora também não tem mais a obrigação de fazer chorar, ou muito menos a necessidade de se fazer rir. Ainda que esteja acima do meu poder evitar ou provocar isso e que vocês acabem chorando lágrimas de sangue, ou se esborrachando de rir, é bom que achem graça da desgraça desse palhaço aqui, completamente se graça.

Matilde – (Fazendo uma careta.) Péssima construção!

(Pausa. Otávia balança a cabeça. Todos aguardam. Juvenal examina o efeito de suas palavras sobre a plateia.)

O Fauno – (Resolvendo a tensão.) A verdade é que esse circo existe apenas por causa da sua grande tristeza. Uma mofada e sufocante tristeza que lhe entra pela carne, como a tortura de um espinho em todos os nossos seus dias.

Juvenal – (Bombástico.) E num ato de amor pela humanidade, pois afinal somos todos irmãos, eu resolvi compartilhar esse espinho com vocês.

Otávia – (Debochada e irônica.) Cruzes, Juvenal! Cruzes, querido Fauno! Que “ambos” de mau-gostos! Vocês acham que esses caras são tão idiotas ao ponto de vir aqui pagar ingresso para serem espetados com espinhos. Ainda mais com os teus falsos espinhos.

Juvenal – (Aos gritos!) Titia, às vezes, com os sangue se faz música. (Bombástico.) Música maestro!

Otávia – Os músicos não receberam, Juvenal. Foram todos para casa. Dodô, liga a tua caixinha de música para o papai ouvir.

Juvenal – (Autoritário.) Calada! Que ainda sou eu quem manda aqui!

Otávia – (Dramática, com as costas de uma mão na testa.) Juvenal, eu tenho câncer nos ossos, você não se lembra? E vou piorando a cada dia! O convívio com você é o meu suplício e está acabando com a minha vida!

Juvenal – (Ele imita o gesto dela e fala no mesmo tom.) Eu sei que eu não te dei o amor, Otávia. Mas não precisa chamar a atenção da plateia para os nosso problemas íntimos.

Dodô – Ih, pai, que ridículo. Eu odeio esse teu lado. (Colocando o cachorro na direção de Juvenal.) Late para ele, Totó.

Fauno - Ela quer te botar prá baixo, Juvenal! Não deixa! Isso é influência da mãe!

Matilde – Olha como a criança fala com o pai, Otávia. Você sabia com quem estava lidando. Eu conheço o meu filho. Mas você quis pegar barriga dele. Você via o estado que ele vivia.

Juvenal – (Alto.) Vamos trabalhar, gente. Isso aqui é um circo.

O Fauno - Agora virou um consultório de psicanálise.

Otávia – A senhora é muito engraçada, d. Matilde. Eu não peguei barriga sozinha. Os problemas deles são deles. Se ela odeia ele, é problema dela e dele.

Dodô - E ele é que se dane Morde ele, Totó.

Fauno - Toca o barco Juvenal. Agora é tarde. Vamos trabalhar, que a noite passa rápido.

Juvenal – (Recompondo-se.) Como eu ia dizendo, respeitável público: "Com o sangue se faz música!" E essa é a incrível música triste da minha vida.

Dodô – “Trauerspiel.”

Otávia – Traduz isso prá ele, minha filha.

Otávia - Peça triste, tragédia, no idioma de Goethe, mamãe. Na tua vida não tem música, papai, só tragédia. E eu me orgulho de ser a mais bem escrita de todas. Eu te odeio, papai!

Juvenal - Você tem razão, Dodô. (Fazendo uma reverência para Otávia.) Bela, e maligna como a mãe. (Fazendo outra reverência para Dodô.) E com uma disposição ferrenha e obscura para fazer sofrer.

Otávia - Se você tivesse me dado o que eu queria, eu não seria maligna.

Dodô - Se você tivesse dado para ela o que ela queria, eu não seria maligna.

Fauno - Era só ter ficado casado com elas duas e trazer os chinelos delas todas as noites.

Matilde - Com a boca, meu filho!

O Fauno – E balançando o rabo, meu irmão.

Juvenal – (Prático.) Está bem! Está bem! Está é a tragédia da minha vida. Mas vamos ao que interessa.

Otávia – Canalha!

Dodô – Desgraçado!

(O clima atinge seu auge. Matilde, que já vinha se sentindo desconfortável com tudo aquilo, resolve a situação tendo uma crise.)

Matilde - Ai! Ai! Ai! Tudo de novo!!! Ai! Ai! Ai! Tudo de novo!!! Ai! Ai! Ai! Tudo de novo!!!

Vovó - O que foi, minha irmã?

Otávia - Tá doendo, d. Matilde, aonde? Aonde?

Matilde – Ai, a minha coluna! Eu toda! Ai! Ai! AI! Dor, dor, muita dor!

Dodô - (Aos gritos, cínica e fria, rodando a mão sobre a barriga.) Vovó! Você vai ser vovó de novo! Vovó vai ter um novo bebê! Vai ser igualzinho ao papai!

O Fauno – (Cai na gargalhada. Consultando o livro que lê.) “O oráculo me revelou que o príncipe está destinado a matar o pai e a possuir a mãe.”

Otávia – (Rindo.) Acho melhor enviar ele para a adoção desde agora!

Matilde – (Se contorcendo de dor.) Ele vai matar é a mim! E possuir tudo o que é meu!

(Todos riem, enquanto Matilde se contorce de dor.)

Juvenal – (Rindo.) Pronto, mamãe, está tudo em paz. Você já pode parar de sentir dor. (Para a plateia, compassivo.) Acho que já não preciso falar da minha tragédia.

Dodô – (Chutando o pai para a boca de cena.) Deixa de conversa, papai

Otávia – (Chutando Juvenal.) Você acha que engana a gente com essa história? A gente te conhece muito bem.

(As duas começam a estapeá-lo. Agora todos riem mais ainda.)

Dodô - Sabe bem quem você é. Sabe o que você aprontou.

Otávia - Sabe como você agia.

Dodô - Agora vai fazer dramalhão.

Otávia - Daqui a pouco está se chicoteando E usando um cilício.

Dodô - Porque você não escreve uma peça contando toda a verdade sobre você? Sobre as tuas cagadas?

Otávia - Sobre as canalhices que você fez? Isso sim, ia chamar público. Não essa coisa açucarada que você escreveu, essa conversa fiada de tragédia

Dodô - Eu não acredito nisso, papai!

Otávia - Só tem esterco nessa tua cabeça, Juvenal. Não sei como você está vivo.

Dodô - Eu escondo de todo mundo que você é meu pai.

Otávia - Eu escondo de todo mundo que você foi meu marido.

As duas - Juvenal, você é um palhaço!

Juvenal - (Num urro, se safando das duas.) “O homem é um animal que se engana.”

(Silêncio. Luz cai em resistência.)

Cena 3

A luz sobe em resistência. As cadeiras de ferro estão arrumadas em linha reta, como num auditório, voltadas para a plateia, quase na boca de cena. No centro do palco, detrás das cadeiras, dois microfones; num, Matilde; no outro, Juvenal. Focos circulares brancos, de luz dura, sobre o auditório e sobre cada microfone. A cadeira de rodas está fora de cena.

Matilde - (Ao microfone, com voz profissional.) Hoje você vai conhecer "O ocaso da velha senhora", peça do palhaço Juvenal, meu filho, com muito orgulho. (Entra música de dramalhão. Com efeito.) “Um instante maestro.” (A música para.) Logo em seguida aos nossos comerciais. Não saiam daí, por favor!

Juvenal - Um minuto!

Matilde - Um minuto!

Dodô - Tudo em cima?

Otávia - Meia amassada do ônibus. Nem deu prá passar em casa.

Dodô - Vinte segundos!

O Fauno - Quatro.

Dodô - Três.

Otávia - Dois.

Matilde – (Lendo o script.) Passei três noites no hospital com a minha mãe. Aqueles sofazinhos de ferro são um inferno prá coluna. Às sete tem banho. E às oito entra a faxina geral.

Juvenal - Meus irmãos são loucos. Deixaram a velha cinco noites sozinha no hospital.

Dodô - Eles acham que de noite ela não precisa de nada. A porta do quarto dá prá sala da enfermagem.

Otávia - Mas o verdadeiro inferno é o sofazinho de ferro!

O Fauno - Sabe da minha irmã? O telefone dela tá fora de área.

Otávia – Ela tem que voltar prá casa.

Matilde - E o marido? E as cadelas?

Dodô - (Cínica) O marido está viajando e as cadelas estão cada uma no seu quarto com a babá!

Matilde - E você sabe do meu irmão? O telefone dele tá fora de área.

Juvenal - Tá na fazenda de um amigo e tá sem internet.

Dodô - A mulher dele não pagou a conta do celular dele.

O Fauno - (Tom.) E quem é que está com a minha mãe no hospital?

Matilde - (Sofredora.) A luz vermelha do crepúsculo.

(Música de dramalhão.)

Otávia - A assistente social ligou. Falou que vai abrir uma ocorrência por abandono de inválido!

Juvenal - E quando é que ela sai do hospital? E já sabe prá onde ela vai? E se ela vai prá ai ou vai prá casa do meu irmão?

Dodô – (Com sotaque nordestino.) Não me mete nisso não, seu Juvená! Mas a verdade é que ninguém quer ficar com a véia. Tava uma gritaiada danada aqui dos dois.

Cena 4

Todos voltam para suas cadeiras, com exceção de Juvenal que vai ao proscênio.

Juvenal - (Para a plateia.) Semana passada, minha mãe foi internada com fortes dores lombares. Foi passar o final de semana na casa da minha irmã. O clima lá é difícil. Ela não engole a minha mãe e a minha mãe não engole ela. Quando voltou prá casa do meu irmão, não conseguia se mexer. Mamãe fica pulando da casa do meu irmão prá casa da minha irmã. Ela não tem mais casa.

Dodô - Tinha um apartamento, que meu avô deixou prá ela. Morava lá até o dinheiro que o meu avô também deixou prá ele, acabar. Ela ainda tem o apartamento, mas não pode mais pagar o condomínio. Não pode mais morar sozinha. E não tem dinheiro para se manter e pagar um cuidadora.

O Fauno - (Fazendo uma mesura circense. Num tom espetaculoso.) É um desses prédios modernos, piscina, sauna, restaurante, salão de cabelereiro. Ônibus privativo na porta para a cidade toda. Um paraíso. Claro, o condomínio é uma fortuna.

Matilde - (Objetiva.) Só o condomínio, daria prá pagar o aluguel de um apartamentinho prá mim, num prediozinho simples. Em Jacarepaguá, talvez.

O Fauno - (Objetivo.) E por que não vende o apartamento caro, bota a grana para render e aluga um quitinete baratinho só para ela?

Juvenal - Porque a esperta da minha irmã, quando meu pai morreu, disse: "Precisamos ouvir a mamãe!"

Otília - E se trancou no quarto com a velha.

Matilde - Velha é tua avó!

Dodô - Quando saíram, a minha tia já tinha feito a cabeça da minha avó. Já tinha convencido ela a fazer tudo o que a minha tia queria. Do jeitinho que ela esperava.

(Dodô sai de cena.)

Juvenal - Vamos fazer o inventário. A gente vende o apartamento, compra outro barato, com condomínio barato. Ela fica com uma base para ela e a gente ajuda no que for preciso. Passa o fim de semana com a gente. Arruma uma senhora prá morar lá com ela.

Otília - (Afetada, imitando a cunhada, como uma dondoca rica.) "A minha mãe não vai morar num quarto e sala mixuruca. Meu pai deixou ela muito bem de vida!"

O Fauno - Ela é moita, tá sempre "dura", sabe te manobrar.

Juvenal - "Essa semana vou dar uma passadinha aí, almoçar com você. Pegar uma piscina, uma sauna. Vê a tua televisão que é maior que a parede."

O Fauno - E sentar no teu sofá que treme e faz cosquinha na bunda do freguês.

Otília - (Afetadíssima, imitando a cunhada dondoca.) Ihhh! Essa semana eu tô muito enrolada. Vai polir os móveis e dar banho nas cadelas. Vamos deixar prá semana que vem. Tá bom, meu amor?! Eu te ligo!

Cena 5

Dodô entra, conduzindo a cadeira de rodas. Todos ajudam Matilde a sentar-se nela.

Matilde - (Na cadeira de rodas, indo ao proscênio) Vocês não acham que é tentador uma velhinha cheia de grana morando sozinha num apartamento todo equipado?

(Juvenal se aproxima para conduzir a cadeira de rodas com Matilde.)

Juvenal - Eu tava desempregado, meio sucateado, encostado na casa da namorada. Pensei, vou montar uma base na casa da minha mãe, até as coisas melhorarem.

Matilde - (Na cadeira de rodas.) Passava o fim de semana com a namorada. (Dando de mão.) “Tinham dificuldades no relacionamento.”

Juvenal - Arrumei o quarto de hóspedes. Trouxe uns livros. Uma roupa. A sunga. Era um paraíso.

Matilde - Durou uma semana!

Juvenal - Na segunda feira, meu irmão apareceu lá.

Fauno - (Imitando Vasco.) “A mãe do Fedro foi morar na Argentina. Eu não posso ficar com ele no apartamento. A Solange morre de ciúmes do Fedro, você sabe!”

Juvenal - A Solange isso, a Solange aquilo.

Matilde - (Ressentida.) A Solange adorava o Fedro.

Otávia - (Debochada.) Não, Vasco, bota o menino aí. Não tem lugar no teu apartamento, bota ele na casa da Vovó, né. Não vai ficar debaixo da ponte, né? E pereré pão-duro. Apartamento da Vovó, coração da Vovó...

Juvenal - Um fim de semana, eu tava na casa da namorada, minha mãe me ligou.

Fauno - “Pode ir se preparando, meu filho. Teu irmão e a namorada perderam o emprego e ele vai acabar estourando aqui.”

Dodô - Uma semana depois o Vasco aterrissou na casa da Vovó, de mala e cuia!

Otávia - Cala boca, pirralha! Que que tu tem que te meter?

O Fauno - Vasco, desempregado e gordo no sofá da sala, com seu notebook. A Solange dividia a mesa da sala com o teclado do Fedro.

Matilde - E eu fazia a comida e servia a mesa.

Cena 6

Ouve-se um longo apito. Trovões. A luz cai em resistência e surge um foco no fundo do palco.

O Fantasma - (Oscilando embriagado e fazendo girar um timão imaginário.) Vento à estibordo. Cuidado com os recifes! Este barco está uma peneira. Se começar a chover, estamos dentro d'água! (Pequena pausa.) Imediato! Eu quero saber notícia da alta da minha mulher. Ela está bem e as dores passaram... Ótimo! (Ele balança, bêbado.) Já descobriram porque ela está com dor? Todos os exames negativos? Ninguém descobre nada? Fratura, hérnia, tumor. Terceira internação. Vinte dias. (Girando o timão rapidamente. Ele grita.) Vento à estibordo. Cuidado com os recifes! (Disparando frases sem nexos, por causa do efeito da bebida.) Voltou da casa da minha filha e foi prá casa do meu filho. Passa uma semana no meu filho, uma semana na minha filha. Começou a sentir dores fortes. Ninguém consegue mexer nela. Sofreu uma queda. Subindo a escada teve tonteira. Despencou e trouxe a menina com ela. (Forçando o timão em uma posição. Grita.) O vento mudou! Segurem-se todos! Pode haver quebra dos mastros! (Ele acalma e volta a balbuciar embriagado.) Se quebrou toda! Ela não anda. Na cama por causa das dores lombares. Foi pro hospital três vezes. Ninguém consegue dar banho. Na casa do meu filho tá difícil. A mulher tá grávida. Ia voltar prá casa do meu filho. Ele ligou para não mandar ela prá casa dele não. (Se endireitando ao timão. Grita.) Imediato, revise as cordas! Parece que a tormenta passou! (Ele navega calmamente. Noutro tom, ainda bêbado.) Tem que conseguir andar e tomar banho no hospital. Ainda está dopada de morfina. O remédio à base de ópio. Alguém deve aparecer. Acham que ela não precisa de ninguém prá dormir. Tem netos. Muitos netos! (Pequena pausa.) Imediato! Cuide da minha viúva! Ela é uma heroína! Uma grande heroína.

Cena 7

A luz se apaga sobre o Fantasma. Foco nas cadeiras. Todos se agrupam na ribalta e olham à distância, no fundo da plateia. Dodô se agarra à mãe, assustada.

Matilde - (Rodando a cadeira pela arena.) O que foi aquilo?

Otávia - Uma tempestade de raios, sei lá!

Dodô - Foi que nem na noite passada.

Fauno - Eu não dormi a noite toda.

Juvenal - Eu velava os teu delírios.

Matilde - A febre iluminava as estrelas.

O Fauno - Tua vida corria um rio de perigos, como um cometa descendo a oeste do polo.

Otávia - E quando tu sorria, as nuvens escuras logo se elevavam.

Dodô - Na parte exata do céu onde estamos agora.

Fauno - Eu e Juvenal, vimos.

Juvenal – O Fauno e eu ouvimos.

Dodô - O sino soava o silêncio.

O Fauno – Aquela noite não se parecia com nenhuma outra.

Otávia – O almirante se parecia com ele mesmo. Suava da cachaça, da cabeça aos pés.

Matilde - Avançava e parecia que retrocedia.

Juvenal - O quepe de velho marinheiro estava erguido para esperar a chuva.

O Fauno - Como quem contempla a bandeira sendo rasgada vento.

(Ouve-se o apito de marinha. A luz cai em resistência.)

Cena 8

Surge um foco no fundo do palco, no mesmo lugar onde se viu a aparição do Fantasma. Matilde está na cadeira de rodas. Detrás dela, o Fauno com um jaleco branco, a conduz. Diante deles, uma tela de arame, sustentada por todos os outros atores. A tela se desloca, à medida que Matilde e o Fauno se deslocam. O grupo se encaminha lentamente para a frente da cena.

O Fauno - Os enfermeiros do plantão da noite viram um fantasma na varanda do teu quarto.

Matilde - Eu não acredito nessas coisas.

O Fauno -. Eu também não acredito. Mas eu também estava de plantão. Era o teu marido, Matilde.

Matilde - Você conheceu o Almirante?

O Fauno - Claro que eu conheci o teu marido, Matilde. Eu era o garçom do tango do Minerva, não se lembra? Alice e Feruze, Creúza e Alípio, Nelson e Yolanda.

Matilde – Ah! A Alice e o Feruze davam um banho neles todos.

Juvenal - (Ao celular, enquanto suporta a tela.) Tô tentando falar com você desde ontem. Sabe se o Vasco dormiu lá com a mamãe? Não? A assistente social tá cobrando a presença da família.

Fauno - (Retomando. Para Matilde.) Mas não em você e no Almirante. (Canta “Mano a mano”.) "Rechiflado em mi tristeza."

Matilde - (Se emocionando.) Você não vai fazer isso comigo, vai?

Juvenal – (Ao celular.) Frescura dela, pô. Não tem ninguém para dormir lá com a velha uma noite! Cadê o Vasco, as meninas, os meninos?

Fauno - (Para Matilde.) Ele queria falar contigo, Matilde.

Matilde - Como é que você sabe?

O Fauno - Pelo olhar. Não quis falar com nenhum de nós. Quando nos aproximamos, ele desapareceu.

Juvenal - (Ao celular.) Pois é, cada um tem a sua vida, e a velhinha fica sozinha no hospital.

Dodô – (Segurando a tela. Debochada.) Tem muita gente no hospital para cuidar dela.

Otávia - (Segurando a tela. Debochada.) A porta do quarto fica em frente da sala de enfermagem.

Dodô - (Segurando a tela. Debochada.) Não estou podendo falar daqui.

Matilde – (Para o Fauno.) O que ele poderia querer falar comigo agora?

O Fauno - (Para Matilde.) Ninguém sabe. Um dos enfermeiros, quando ele se aproximou para ouvir o que ele dizia, o fantasma desapareceu.

Juvenal - (Ao celular.) Suméria, você já está no hospital?

Otávia - (Imitando Suméria. Dondoca, afetada.) Tô no hospital.

Juvenal - (Ao celular.) E aí, teve a reunião?

O Fauno - (Para Matilde.) O enfermeiro vai deixar a trava da janela aberta. Quando o relógio der meia noite, você se levanta, afasta a cortina e olha.

Matilde - Se eu pudesse vê-lo de novo...

Juvenal - (Ao celular.) Ótimo! E aí, ela vai prá casa do Vasco? A Floriana está grávida? Você acha que ela não tem condição de ficar lá? E se as dores voltarem?

As Mulheres - (Juntas, imitando Suméria.) Eu vou levar ela para a minha casa.

O Fauno - (Para Matilde.) Então está combinado. Meia noite, nas cortinas da janela.

(Luz cai em resistência.)

Cena 9

Foco sobre Matilde na cadeira de rodas, no centro do palco, sozinha.

Matilde – (Na cadeira de rodas.) Bom, pelo menos acabou a guerra! Já estava na hora! Eles estão em luta desde a época em que eu fiquei doente. Minha filha apoiou tudo. Apoiou a moradia do meu filho comigo. Apoiou o meu neto sendo criado praticamente por mim. E o dinheiro que o meu marido deixou, sendo gasto só por eles dois. (Ri.) Por mim também, é claro! Naquela época, a Suméria e o Vasco eram aliados.

(Gradativamente, todos vão entrando e ocupando seus lugares nas cadeiras brancas, que agora estão posicionadas lateralmente, na direita e na esquerda médias. Juvenal e o Fauno, se posicionam diante dos microfones, atrás da cadeira de rodas.)

Juvenal – Minha mãe liberando o cartão de crédito direto para o meu irmão.

Otávia – Comprando carro para ele, no nome dela.

Dodô – Semana após semana.

Fauno – Mês após mês.

Juvenal – Ano após ano.

Matilde – (Para a plateia.) Carrinhos de compra de supermercado abarrotados. Camarão, queijo, presunto, carnes.

Fauno – A Suméria apoiava tudo.

Juvenal – Eram farinha do mesmo saco.

Dodô – Cúmplices.

Otávia – Comparsas.

Juvenal – Enquanto o Vasco estivesse lá, a minha mãe fazia o que ela queria.

Matilde – E eu não perturbava ninguém. Viúva, sozinha, apaixonada pelo meu filho. Crente que a minha filha estava escolhendo o melhor para mim. Crente que o meu filho e o meu neto iriam garantir a minha felicidade até o fim da minha vida.

Dodô – De vez em quando dava umas ziquiziras lá nela.

Juvenal – Uma cirurgiazinha para colocar uma prótese no joelho, aqui...

Fauno – Um enfartezinho de leve, ali, quando o estresse aumentava.

Matilde – (Enfática.) Ah, porque aumentava mesmo! (Pequena pausa. Resignada.) Mas ia-se vivendo.

Fauno – Então, depois do marido, começaram a morrer o sobreviventes da família dela.

Matilde - Primeiro as irmãs do meu pai.

Juvenal - Em seis meses morreram as três tias e a mucama.

Fauno - Todas solteironas.

Matilde – Depois a minha tia, irmã mais nova da minha mãe que foi criada junto comigo.

Juvenal – Depois a irmã dela, estupidamente, de um câncer de seio que avançou para o pulmão.

Matilde – Praticamente se suicidando ao meu lado, no sofá da sala. (Se emociona.) Fumando e bebendo cerveja e ouvindo rádio até de manhã.

O Fauno – (Consolando Matilde.) Junto com isso, o dinheiro...

Juvenal – O dinheiro do inventário que não foi feito, que a minha irmã decidiu que era só deles...

Dodô – (Fazendo um gesto feio.) Acabou.

Matilde – E as dívidas começaram. Oficial de justiça na minha. Dívida do terreno que o meu filho comprou e não

pagou. Dívida do carro que ele fez um financiamento no meu nome e não pagou. Discussão com o meu neto.

Fauno - Porque não tinha mais dinheiro para pagar a faculdade do rapazinho.

Matilde – Ai, veio a solução. O meu filho arrumou uma namorada rica.

Dodô – Rica, mas meio feinha.

Matilde – Mas muito educada!

Dodô – Carrão importado.

Matilde – Me levava para comer pizza, tortinha na sobremesa! Ela era um anjo.

Dodô – Era a ídala dela, claro. (Tom.) Um belo dia a ídala foi transferida para o Mato Grosso.

Matilde – E o meu filho avisou que estava se mudando de mala e cuia. (Se emocionando.) Ia se casar com a ricaça e morar numa gruta no pantanal. Não tinha nem telefone.

Juvenal – E o neto, claro, ia ficar morando com a vovó.

Dodô – Claro, a vovó não ia se importar de segurar a bucha.

Matilde – Eu adoro meu neto, não era bucha nenhuma. (Justificando.) O meu filho ia aparecer de vez em quando para ver o que o menino estava precisando.

Dodô – Tá vendo como é que ela pensa?

Juvenal - Que que a minha mãe podia fazer com essa carga toda?

Otávia – Que que ela podia fazer?

Dodô - Entrou em depressão e começou a gritar que ia morrer.

Fauno - Já estava tudo enquiçado mesmo, agora era a vez dela.

Dodô – Ai, o meu irmão viu que ela não servia para mais nada.

Otávia - Não tinha mais dinheiro sobrando.

Dodô - Não podia segurar a onda do filho dele.

O Fauno - Não tinha mais nada para arrancar da mina.

Juvenal – Então, o Vasco resolveu entregar a minha mãe, enguiçada e gritando que ia morrer...

Dodô – (Fazendo uma reverência circense. Apoteótica.) De mala e cuia!

Juvenal – (Fazendo uma reverência circense. Apoteótico.) Para a minha irmã.

Otávia – (Fazendo uma reverência circense. Apoteótica.) Num embrulho de papel de presente! Com laço de fita vermelho! De cetim!

Dodô – (Debochada.) A minha avó passou a ser um estorvo naquele apartamento.

Otávia - Era só ficar livre da velha e a vida voltaria a correr que era uma maravilha.

Dodô – A história do casamento e da fazenda no Mato Grosso foi pelo ralo e o que o meu tio queria mesmo era ficar sozinho no apartamento com a namorada nova. (Debochada.) Feinha... mas rica.

Otávia – Vinte e cinco anos! Como se tivesse saído da embalagem naquele fim de semana.

Matilde – (Ri de si mesma, complacente.) Uma velha maluca querendo se matar, e uma namorada nova. Coitado do meu filho, o que ele ia fazer?

Dodô – Que que aquela velha maluca ia ficar fazendo naquele apartamento?

Matilde - (Rindo.) Eu ia ficar gritando que queria morrer!

Juvenal – (Autoritário.) Vai gritar que quer morrer na casa da filha dela.

Dodô – (Autoritária.) Não no apartamento da rapaziada!

Matilde – Ai, começou a guerra!

(Ouve-se um forte trovão. A luz cai em resistência.)

Cena 10

Foco apenas sobre Matilde na cadeira de rodas. Na penumbra, todos posicionam a tela de arame em torno dela, como uma gaiola circular. Relâmpagos e vento.

Matilde – A primeira vez que ele me beijou, chovia a cântaros e ventava assim. Mas os raios eram mais fortes. E nada podia me meter mais medo do que aquele beijo, nem os raios, nem os trovões, nem o arco-íris. Mamãe, rigorosa, teria me colocado num convento.

(Ouve-se um apito de marinha. Cessam os trovões e os ventos. Das sombras, lentamente surge à esquerda do proscênio, o Fantasma do Almirante. Farda de gala, impecável, cabelo penteado à gomalina, quepe debaixo do braço, em postura solene.)

Matilde – Meu Deus, é ele!

O Fauno – (Na penumbra.) Você o reconhece?

Matilde – Está fardado para uma cerimônia. Usa todas as medalhas.

O Fauno - (Na penumbra.) As medalhas se compram nos bazares. O rosto é o mesmo?

Matilde – Está mais novo, mas é o mesmo.

O Fauno – (Na penumbra.) A morte rejuvenesce.

(O Fantasma para, fica em posição de sentido, bate uma continência.)

Matilde – É uma cerimônia para condecoração. A última que faltava quando a morte chegou.

O Fauno – (Na penumbra.) Bravura?

Matilde – De bravura todas eram! A medalha dos que não abandonam o navio. Só pode ser entregue aos marinheiros mortos!

O Fauno – (Na penumbra.) Foi enterrado com a farda e as medalhas, pronto para a cerimônia?

Matilde – A farda estava na lavanderia, não chegou a tempo. Foi enterrado com o terno negro do casamento.

O Fauno – (Na penumbra.) Não é ele! Os fantasmas usam sempre a mesma roupa do último dia.

Matilde – É ele! (Respira profundamente.) A lavanda inglesa.

O Fauno - (Na penumbra.) A morte retirou a farda da lavanderia! (Para o Fantasma.) Almirante! Almirante! Quarto 204!

(O Fantasma se vira e faz um gesto desdenhoso.)

Matilde – Ele quer ficar sozinho comigo, eu conheço ele.

O Fauno – (Na penumbra.) Há algo de podre na lavanda inglesa.

Matilde – Eu vou lá falar com ele.

O Fauno – (Na penumbra.) Eu vou com você.

(O Fantasma repete o gesto de desdém.)

Matilde – Ele sempre foi ciumento. Se você for, ele não vai falar.

(Ouve-se o canto do galo.)

(Soa um longo apito de marinha, enquanto o Fantasma desaparece.)

O Fauno - (Na penumbra.) O galo desperta os sonhos e adormece os mortos.

(Luz cai em resistência para um demorado blecaute.)

Cena 11

Durante as trevas, ouve-se um canhoneio ao longe, pesados fogos de artilharia. Luzes bruxuleantes iluminam, aqui e ali, os vultos dos atores preparando a próxima cena. Depois de um tempo de sombras e explosões, que pareceu insuportavelmente longo, acende-se um foco sobre Matilde na cadeira de rodas, no centro do proscênio. Todos os outros personagens estão sentados em suas cadeiras brancas, encostados na parede do fundo do palco. Os dois microfones estão posicionados, um de cada lado de Juvenal. Os personagens agora falam num tom metálico, gritado e como se tivesse dificuldade de serem ouvidos por eles mesmo e por seu companheiros. Matilde tem a cabeça entre as mãos, os cabelos desgrenhados e um ar extremamente carregado.

O Fauno - Um dia minha “ex” me ligou.

Otávia – A “outra” ex dele, não esta “ex”.

Dodô - "Olha, liga para a tua mãe. Ela tá muito mal".

O Fauno - O que eu ouvi no telefone não foi nada interessante.

Otávia - A velhinha tava jogada numa cama sem forças para se mexer.

Dodô – Vovó só comia macarrão com molho de tomate e um café de manhã.

Matilde - Que Deus me levasse! Eu não queria mais viver.

O Fauno - Passava o dia sozinha com uma cuidadora que servia comida azeda de três dias

Otávia – A cuidadora passava as tarde deitada na cama ao lado dela, vendo televisão.

O Fauno – A fralda toda mijada.

Matilde - (Justificando.) O meu filho vinha de noite, para ver como estavam as coisas. (Lembrando-se.) E a comida azeda foi uma vez só. Ela esqueceu, coitada. (Tom.) Eu não usava fralda.

Juvenal – Você já não tinha forças para ir ao banheiro.

O Fauno - E ficava com a fralda toda urinada porque o filme da sessão da tarde estava ótimo.

Matilde – É verdade, eu me lembro. Não foi o filme da sessão da tarde coisa nenhuma. Eu que não queria comer de jeito nenhum. E comecei a ter diarreia.

Otávia - Remédios psiquiátricos fortes.

Dodô - De um médico para o outro, Vovó.

Fauno - Quanto mais comida, mais ela evacuava.

Matilde - Quanto mais remédio, menos eu andava.

O Fauno - Tinha que levar ela escorada para tomar banho. Ficou um cadáver.

Matilde - (Gargalhando.) Agora eu tinha motivo para achar que ia morrer.

Juvenal - Duas semanas internada e nada dela comer.

Otávia - O médico ameaçou:

Dodô - "Se a senhora não comer, vou abrir um buraco na sua barriga e enfiar a sopa aí dentro".

O Fauno - E ia mesmo. Ela estava morrendo de anemia.

Juvenal - Eu avisei a ela: "Amanhã é a cirurgia. Ele vão fazer uma boca no teu lado e enfiar a comida por aí".

Matilde - (Assustada.) "Mas eu não quero que faça isso!"

Dodô - Então come, Vovó!

Matilde – (Com repugnância.) Mas eu não tenho fome!

O Fauno - Então vamos fazer uma coisa. Eu peço prá eles baterem a comida no liquidificador e você empurra para dentro. Eu te ajudo.

Matilde – Bom, deve ser melhor do que meter um tubo na minha barriga.

Otília - Comecei a enfiar cinco cuias de comida batida na goela dela por dia.

Dodô - Ela quase não tinha mais sangue.

O Fauno - Passou duas noites tomando transfusão.

Dodô - Ficou mais animada, Vovó!

Juvenal - Eu pensei: "Meu Deus, ela quer viver".

Cena 12

Um foco sobre cada extremo da ribalta. Otília e Dodô conversam, cada uma ao seu celular.

Otília - Dodô, já soube que a tua avó vai morar com a Suméria? É, já deve estar lá na casa dela. Tava na hora, né?

Dodô - Não sei não. A Suméria passa um final de semana com ela e tem que suspender os pacientes com dor lombar.

Otília - Ela tem que conseguir lidar com a mãe. É mãe dela. Tomara que ela tenha aprendido. Se não aprendeu, vai aprender agora.

Dodô - Não, soube ontem.

Otília - Falei com o palhaço do teu pai. A Vovó tava sem dor e a Suméria resolveu levar ela para a casa dela. Não deu muita explicação.

Dodô - A Suméria acha que a dor dela era porque não podia mais ir prá casa do Vasco.

Otília – Dor psicossomática, definição de psicóloga.

Dodô - Ela não parava de gritar. Teve que voltar pro hospital.

Otília - Velho não faz mal a ninguém.

Dodô - Cabeça de psicóloga, que que eu posso fazer? Ela vai prá lá e a Suméria manda ela de volta antes do tempo!

Otávia - Ela tá tomando remédio forte. Ela gritava feito um porco que vai morrer. Suméria ficou com medo dos vizinhos chamarem a polícia.

Dodô - Ficou dois dias sem tomar banho. A muito custo conseguiram trocar a fralda dela. Tinha que voltar para o hospital.

Otávia - Não, hoje ainda não tenho notícia nenhuma. Tá, eu vou ligar prá lá e te retorno.

(Luz cai em resistência.)

Cena 13

Luz de serviço. Juvenal fala ao celular, caminhando ansioso para todo lado. Suas falas são metralhadas, não supondo um interlocutor. O palco, com os objetos de cena normalmente utilizados. Os outros personagens, estáticos, encostados nas paredes do fundo e dos lados. Todos tapam o rosto com as mãos.

Juvenal - (Ao celular.) Como é que tá a tua vó? Mal, por quê? Tá com muita dor?! Não quer trocar a fralda?! Tua mãe tá sabendo disso? Você está sozinha com ela? A Vovó tá tomando os remédios? Dá prá falar com ela? Você tentou levar ela prá sala? Toda urinada. Não faz nada. Eu vou tentar achar a tua mãe.

(Matilde tira a mão do rosto e grita, um grito longo e agonizante. Em seguida, volta a cobrir o rosto.)

Juvenal – (Para Matilde.) A Suméria se enfiou no salão e você está lá aos gritos, toda urinada, sozinha com a Beatriz. A menina tá apavorada.

(Matilde, com as mãos no rosto, dá de ombros, resignada.)

Juvenal - (Teclando o celular.) Minha relação com a minha mãe, a vida inteira, foi um inferno. Eu tive que lutar pela vida dela para descobrir o quanto ela era importante para mim! (Ninguém atende a chamada. Teclando novamente.) Depois que a minha mãe ficou doente, ela foi morar comigo. Ficou comigo nove meses. Dizia que ia morrer e entrava e saía do

inferno de meia em meia hora. (Ele aguarda.) Eu lidei com tudo aquilo. Lavava roupa, fazia comida, arrumava a casa e cuidava dela. Quatro meses sozinho e depois que ela rolou da escada com uma cuidadora que a caridade da minha irmã enviou. (A chamada cai na caixa postal. Ele tenta de novo.) No Natal, meu irmão pegou ela para vir para o Rio e ela voltou a morar com ele, já melhorzinha da depressão. (Pequena pausa.) Uma madrugada, voltando de um casamento, ela rolou a escada da portaria do prédio do meu irmão e se quebrou toda. Braço, ombro, duas fraturas numa perna. (A chamada cai na caixa postal. Ele tenta de novo.) Depois que saiu do hospital, ela foi para uma clínica de reabilitação que também recebia pessoas em estado terminal. Ficavam duas pessoas no mesmo quarto. (Pequena pausa. Ele aguarda.) A companheira da minha mãe era uma senhora que estava com câncer. Em duas semanas, minha mãe viu o dia nascendo e a senhora morrendo ao lado dela. (Teclando o celular.) E, não sei como nem por que, aquilo foi um milagre para a cabeça dela. Você falava com ela no telefone, ia lá, e parecia que ela tinha se iluminado.

(Matilde tira as mãos do rosto e grita, um grito longo e agonizante. Em seguida, volta a cobrir o rosto.)

Matilde – (Com as mãos no rosto.) Eu estou bem, meu filho. Eu estou bem. Muito bem.

Juvenal - Ela não precisava de nada. Não queria que ninguém fosse lá ver ela. Se transformou em outra pessoa. (Pequena pausa.) E de lá prá cá, até essas dores lombares loucas que estão acontecendo esses dias, ela nunca deu mais problema nenhum.

Matilde - (Com as mãos no rosto.) Minha filha deve ter se metido no salão e o telefone tá dentro da bolsa. (Pequena pausa.) Vou avisar o Vasco.

Juvenal - (Com voz de mensagem.) "O telefone que você chamou encontra-se desligado ou fora da área de cobertura. Tente mais tarde."

Matilde - (Com as mãos no rosto.) Deve ter ido prá piscina. (Para Vasco.) Deixa recado.

Juvenal - (Ao celular, deixando mensagem.) Vasco, a mamãe não tá bem. Ela piorou. Falei com a Beatriz agora, as dores voltaram e ela está lá aos gritos. Eu não tô conseguindo achar a Suméria. Quando puder me chama. Abraço.

(Juvenal senta-se na cadeira de rodas.)

Matilde - (Tira as mãos do rosto e caminha resoluta para a plateia. Falando em tom de narrativa.) Como ele não conseguia falar com ninguém, deu uma recostada no sofá e acabou cochilando. (Pequena pausa.) Acordou com o telefonema da Suméria.

Juvenal - (Despertando e atendendo ao celular.) Caramba, dormi sentado aqui. (Pequena pausa.) Aos gritos? O vizinho chamou a polícia?

(Matilde está no proscênio, de frente para o público. Volta a cobrir o rosto com as mãos. Os outros personagens falam encostados nas paredes, todos com os rostos cobertos com as mãos.)

O Fauno - Não, mas ia chamar.

Dodô - Foi lá perguntar o que estava acontecendo.

Otávia - A Beatriz mandou ela entrar e mostrou ela deitada. Sem poder tocar nela.

O Fauno - Ainda bem que ela teve tino, não é?

Dodô - Já imaginou se ele chama a polícia?

Otávia - Coitada, ela tava apavorada.

O Fauno - O salão tava cheio.

Dodô - Eu fiquei com ela o dia inteiro.

Otávia - Vou ter que ficar com ela amanhã de novo, porque a mamãe tem supervisão!

Matilde - Você não tem como desmarcar isso, Suméria?

Dodô - Porque deixar a Vovó amanhã de novo comigo, é complicado.

O Fauno - Ah, a minha supervisão eu não desmarco. Dez anos a fio. Estou dependente, tenho crise se não for.

Otávia - Vem uma cuidadora nova amanhã te ajudar, Beatriz.

Dodô - Quando a minha mãe chegar, eu vou prá casa do meu namorado. Nem que seja as quatro da manhã! Sexta feira, é sagrado! Amanhã eu volto.

Otávia - E a Vovó, tá bem agora?

Matilde - Tô na cama. (Braba.) E ninguém vai mexer em mim!

O Fauno - Tô exausta!

Otávia - Imagino.

Dodô - Salão cansa mesmo.

Dodô - Manda um beijo prá Vovó.

Juvenal - Vasco, quando puder me chama. A coisa tá feia lá na casa da Suméria. A mamãe piorou e as dores voltaram mais fortes. Tem que ver o que vai resolver lá. Me liga. Abraço.

(Todos emitem um grito longo e agonizante. Luz cai em resistência.)

Cena 14

Quando a luz se acende, vê-se no centro do palco, uma pequena forca. Ao seu lado, Matilde na cadeira de rodas, com as mãos amarradas, pronta para subir na escada de seu patíbulo. Em torno da forca, os personagens estão formados em roda, com os corpos virados para a plateia. No centro do proscênio, os dois microfones. A roda gira, ora para um lado, ora para o outro. As falas ocorrem quando um personagem passa diante dos microfones. A velocidade da roda aumenta, à medida que a cena avança. Foco vertical sobre a forca e sobre Matilde na cadeira de rodas. Foco vertical nos microfones. Os personagens da roda que não estão diante dos microfones ficam na penumbra. Todos estão estáticos em seus lugares, como se aguardando algo que os mantém em suspenso. Ouve-se um estranho ruído de gritaria e discussão. Copos quebrados, coisas caindo, baques surdos de pancadas

e corpos caindo no chão. Súbito, o ruído cessa. A roda começa lentamente a se mover.

Juvenal - E aí Gioconda, alguma novidade?

Fauno - Tá na mesma.

Dodô - Muitas dores. Não quis tomar banho.

Juvenal - Ninguém consegue mexer nela. Tá bom. Eu ligo mais tarde.

O Fauno - E aí, Beatriz, como é que ela está?

Otávia - Tá dopada? Com um remédio fortíssimo?

Matilde - A médica do plano passou aí de manhã?

Juvenal - Ela consegui tomar banho?

Fauno - A muito custo. Beatriz teve que enquadrar ela, e ela começou a gritar.

Dodô - Quem é que tá com ela?

Juvenal - Você e a Dirce?

Fauno - Mas a Dirce voltou?

Dodô - Tua mãe chamou ela de volta?

Juvenal - E a tua mãe?

Fauno - Foi prá rua, não aguenta mais!

Otávia - Dirce, tá aí ainda? Como é que está a minha mãe? Passou um dia péssimo? Cadê minha irmã? Não consigo falar com ela? Passou o dia todo na rua hoje? Mas hoje não é dia de consultório?

Dodô - Eu tô ligando prá ela desde a hora do almoço? Ela foi prá onde? Você perguntou onde ela tava? Tava resolvendo um monte de problema?

Matilde - Quando você chegou, ela não estava mais? A mamãe tava com quem? Com a Beatriz, toda arrumada, atrasada pro trabalho?

Juvenal - Dirce, tá aí ainda? Como é que tá a minha mãe? Ela pode falar agora?

Fauno - Tá dormindo com os remédios novos? Deixa ela dormir.

Dodô - Como é que tá o clima aí? Não consigo falar com a Suméria há dois dias.

Juvenal - Péssimo! A Suméria tá com torcicolo.

Fauno - À base de remédio? Dirce, cuida bem da minha velhinha, pelo amor de Deus!

Dodô - Eu não tenho como ir prá aí. Tô sem trabalho com o teatro no Rio, e isso aqui foi o que eu consegui arranjar!

Matilde - Dirce, tá aí ainda? Não consigo falar com a Suméria há três dias. Como é que tá a minha mãe?

Juvenal - Você acha que eu preciso ir prá aí? Você acha, é? Até passar a crise.

Otília - Meu irmão não entra aí e minha irmã tá a ponto de explodir? Já gritou com ela à beça.

Matilde - O marido tá viajando. Ela quer curtir. Deixaram essa bomba aí na mão dela.

O Fauno - Ela falou isso?

Otília - Não, mas pela cara dela, é isso que a gente conclui!

Juvenal - Dirce, foi a Suméria que levou a mamãe prá aí.

Dodô - Disse que ia vender o apartamento e resolver tudo de uma vez.

Otília - Ela disse que só trouxe ela prá cá porque ela estava bem no hospital.

Matilde - Não esperava que ela piorasse.

Dodô - Que ela não pode atrapalhar o trabalho dela.

Fauno - Coisa de muita responsabilidade.

Juvenal - Você acha que ela se arrependeu?

Dodô - Mas agora não dá prá ir para casa do Vasco!

Matilde - O neném tá nascendo. Como é que eles vão dar conta de mim lá?

Otávia - Tá bom, Dirce.

Matilde - Eu vou ver o que eu resolvo aqui.

Fauno - Se precisar eu peço uma licença de uma semana aqui e vou prá aí.

Matilde - Já se passaram três dias nessa história.

(A roda estanca, com Juvenal em foco diante do microfone no proscênio.)

Juvenal - O quadro dela não muda e o emocional das pessoas já está de cabeça para baixo. O das pessoas e o meu. Nessas horas a gente só pensa coisa ruim. Só vinha coisa ruim na minha cabeça. Todas as coisas difíceis que eu vivi com a minha mãe. A coisa lá em casa sempre foi meio difícil. Meus pais nunca tiveram acesso a muita informação. Cada um com sua família difícil também. Paz, mesmo, nunca houve. Éramos pessoas do mundo. Arraia miúda, cheia dos presentes de grego que o mundo dá prá gente, junto com a vida. Éramos uma parte da noite.

(A luz cai em resistência.)

Cena 15

Quando a luz sobe, os microfones estão posicionados sobre o patíbulo, um de cada lado da forca. O Fauno e Dodô estão posicionados à direita do patíbulo; Otávia e Matilde, à esquerda. As cadeiras brancas estão arrumadas em frente ao patíbulo, como aquelas plateias nas execuções de prisioneiros das cadeias dos EUA, porém vazias. A cadeira de rodas está no proscênio, na esquerda áurea, tenuemente iluminada. Meio

jogado sobre ela, um Judas-Mulher de Sábado de Aleluia, deformado e mostrando seus enchimentos improvisados. Juvenal está no patíbulo, com a forca já passada em seu pescoço. Tem as mãos amarradas na frente do corpo. Em sua cabeça, vê-se um barrete de bufão. Todos olham para ele, consternados e esperando o golpe final. Ouve-se o mesmo estranho ruído de gritaria e discussão. Copos quebrados, coisas caindo, baques surdos de pancadas e corpos caindo no chão. Um homem grita, com voz forte, acusações incompreensíveis. Depois o mesmo, na voz de uma mulher. Súbito, o ruído cessa. Stop rigoroso. Silêncio denso. Ouve-se uma gravação. Há um eco quase insuportável em suas palavras.

Voz-off de Juvenal - Éramos uma parte da noite. E a noite, uma parte de nós. O que eu posso falar é de mim. Quando meu pai morreu, eu já tinha parado de beber há uns dois anos ou três. Depois de trinta anos de alcoolismo. Nem sei direito, há quantos anos o meu pai morreu. Mais de dez anos, talvez. E eu precisava muito do apoio da família. Fazer um tratamento de dente, comprar óculos, começar um pequeno negócio. Mas nada, estava definitivamente marcado. Então, fiz umas cagadas, peguei dinheiro da minha mãe porque achava que o dinheiro era meu por herança. Briguei com a minha mãe. Mas quem tinha estrutura prá me dar apoio? Ninguém. Levei oito anos tentando parar de beber. Tentando seriamente. Com terapia, tratamento, centro de recuperação. Oito anos. E foi a minha mãe que conseguiu a primeira internação para mim. Eu lutei muito para ficar vivo. Tinha ido a um médico despreparado, com uma amiga que também bebia. E o médico me deu duas caixas de calmante e me receitou a leitura da Bíblia. A Bíblia eu não li. Mas na mesma noite eu comecei a tomar o coquetel. Álcool, e ora um calmante, ora outro. Podia escolher. Aquilo começou a tirar a minha consciência. Sem falar que de manhã, quando eu acordava de ressaca, os calmantes entravam em ação. Depois eu ia beber de cabeça fresca. E bêbado, tomava calmante para me divertir. Passei a dormir na rua. As pessoas me levavam para casa carregado e me deixavam na portaria do prédio. Tocavam a campainha e corriam. O porteiro vinha atender e chamava a minha mãe. Um sábado, eu saí de casa de manhã, de bicicleta. E fui prum muquifo onde a cachaça rolava solta. Depois fomos tomar

umas cervejas noutro muquifo. Quando eu abri os olhos, estava amanhecendo. Era madrugada de segunda-feira. Eu estava dobrando a esquina da minha casa, nu da cintura prá baixo. Com a camiseta mais surrada que eu já vi na vida. Parecia que tinha sido lavada no chafariz da praça. Quem abriu a porta? Minha mãe. Aí as coisas se complicaram de vez. Eu perdi completamente o controle da situação. E, finalmente, tive a libertadora certeza de que ia morrer. Parece que minha mãe adivinhou que aquele era o momento. Porque realmente não tinha sobrado mais nada. "Éramos a escória do mundo." (Pequena pausa.) "Éramos a escória do mundo." Meu pai estava doente, inválido, em cima de uma cama. Foi fazer uma cirurgia de próstata e não saiu do hospital. A coisa complicou e ele entrou em coma. Ficou vinte dias em coma. Ninguém sabia o que era. Tinha uma infecção urinária, que explodiu depois da cirurgia. E para debelar a infecção, deram um antibiótico que fez ele perder a audição. Quando saiu do coma, tava surdo e não andava. Com duas ou três escaras enormes por causa do CTI. Depois de muito revirarem ele, descobriram dois enormes tumores. Um de cada lado da coluna. Não foi diagnosticado no pré-operatório. A infecção urinária nunca foi debelada. Quando ela avançava e a febre aumentava, ele entrava em surto psicótico benigno e falava dias e noites seguidos. Eu vim conhecer muito da vida do meu pai, quando ele estava surtado e paralisado numa cama de hospital. Foram momentos inesquecíveis que eu passei com a loucura do meu pai. (Pequena pausa.) Durante dez anos meu pai lutou contra a infecção urinária e as escaras. Fez quinze cirurgias plásticas e usou todos os antibióticos que a medicina havia desenvolvido. Um dia, quando ele foi internado, o médico avisou: "Só tem esse antibiótico. Se a bactéria criar resistência, acabou." Eu estive no CTI com ele, na tarde que ele morreu. Ele estava lúcido, quero dizer acordado, e bastante afetado pela febre. Ficou afobado, quando eu tentei me despedir. E me agarrou pelo braço, me puxou com força. Já não conseguia falar. Queria que eu ficasse lá com ele. Eu sabia que ele estava indo embora e que aquela era a última vez que eu estava vendo ele. Ele queria que eu fosse com ele, sempre foi muito agarrado comigo. Mas eu não consegui. Dei um safanão no braço dele e praticamente fugi do CTI e daquele olhar esfogado dele. Deixei ele entregue à morte.

À Irmã-Morte. Não quis trocar de lugar com ele na canoa. “Nosso pai era homem cumpridor...” Mas estava morrendo, e eu tinha lutado muito para ficar vivo.

(Ouvem-se os canhoneios e as explosões. A luz cai em resistência. Os estrondos permanecem.)

Cena 16

A luz sobe em resistência. Todos estão sobre o patíbulo e seguram a tela de arame diante de Matilde. Olham atentamente para o fundo da plateia. Juvenal ainda tem as mãos amarradas. Cessam os estrondos. Ouve-se um apito de marinha. Matilde carrega um ramalhete de flores nas mãos. A cadeira de rodas continua sustentando o Judas-Mulher.

Matilde - (Gritando para o fundo da plateia.) Almirante, Almirante. Te trouxe as flores que você gosta. Porque você não bota o terno novo. E a lavanda inglesa? Eu quero ir ao baile. Hoje é dia de tango.

Todos - Almirante, Almirante. Te trouxe as flores que você gosta.

O Fauno - Porque você não bota o terno novo e a lavando inglesa!

Juvenal - Eu quero ir ao baile. Hoje é dia de tango.

Voz off do Almirante - (Do fundo da plateia.) Não quis embarcar comigo no escaler, agora também quer ir ao baile.

O Fauno - É ele. Não resistiu às flores e ao convite para dançar.

Juvenal - Fala com ele, mãe.

Matilde - Fala você. Você sempre foi o predileto dele.

(Das sombras da plateia, surge o Fantasma do Almirante. Veste um terno de casimira azul marinho, um cravo vermelha na lapela, cabelo à gomalina e andar esguio. Está alcoolizado e agressivo. Para diante da ribalta. Os que estão sobre o patíbulo, falam alto para que sejam ouvidos pelo Fantasma.)

Juvenal - Bênça, pai.

Fantasma - Deus te abençoe. Que que tua mãe fez prá estar atrás dessas grades, meu filho?

Juvenal - Não fez nada, ela só está aqui passando umas férias.

Fantasma - Outra estação de águas para os nervos abalados?

Otávia - Isso, Almirante. À noite tem bingo e carteadado.

Fantasma - E para que as grades, Juvenal?

Dodô - Pra não entrar onça, Vovô.

Matilde - Não vai falar comigo, Afonso?

Fantasma - Tua neta não me convenceu com essa história de onça, Matilde. Foi só eu morrer que tu se meteu em encrenca. E tem a mão do Juvenal nisso, quer apostar?

Matilde - Nada, Afonso, tá tudo bem. (Mudando estrategicamente de assunto.) Colocou o terno do baile, tá bonito. Vamos dançar hoje?

Fantasma - Não me enrola, Matilde. Manda chamar o delegado. Quero saber por que você está presa.

Fauno - Não está avaliando bem as coisas, Almirante.

Fantasma - Hoje é dia de visita? Que que esse camarada tá fazendo aqui?

Fauno - Vim trazer uns bombons prá mãe, Almirante. Ela tá bem melhor dos nervos.

Fantasma - Então deve ter um cabaré por perto da delegacia. Tu não vale nada, Romualdo.

Juvenal - Tá nos seus azedos, pai? Romualdo foi criado com a gente, em casa.

Fantasma - (Mais agressivo.) Olha, vamos deixar de papo! Não foi erro médico, coisa nenhuma. (Apontando o dedo para ela.) Tu deste cabo da minha vida, Matilde, e agora descobriram.

Juvenal - Não fala assim com a mãe, pai.

Fantasma - Não fala assim! E vocês dois estão envolvidos. Por isso estão no mesmo xadrez que ela.

Matilde - Andou bebendo, Afonso?

Fantasma – Só tomei uma para jantar. (Noutro tom.) Tudo ia ser teu mesmo, Matilde. Era só esperar mais um pouco. Mas a ganância desses dois cresceu.

Matilde - (Estendendo o ramalhete.) Pensei que a gente fosse dançar, Afonso.

Fantasma - Você sempre teve cabeça fraca, Matilde.

Juvenal - Pai, mamãe se aprontou toda. O baile já deve ter começado.

Fantasma - Manda chamar o delegado primeiro. Quero saber o que está acontecendo aqui. (Pausa.) Eu já vinha desconfiando. Agora com essas grades as suspeitas se confirmaram.

Dodô - As grades são para dar segurança à Vovó.

Otávia - Pra ela dormir sossegada dentro do quarto, Almirante.

Fantasma - No nosso quarto não tinha grades. Eu dormia de janela aberta.

Matilde - Aqui é um asilo, Afonso. Eu moro aqui agora.

Fantasma - Um hospício? (Desorientado. Apontando o dedo para ela.) Você enlouqueceu de remorso pelo que fez de errado comigo, Matilde.

Matilde - (Irônica.) Eu não fiz nada de errado contigo, Afonso. Só ter me casado com você. (Ri.) Aqui é um asilo de velhinhas. Tem um monte delas dormindo aqui ao lado, a essa hora. Quer entrar para olhar?

Fauno - Entra, pai. Vem tomar uma sopa. Tá com pouco sal.

Fantasma - (Estourando.) Pai, é uma ova! Que eu não tenho filho pederasta! Eu não quero nada com esse tipo de gente.

Fauno - Eu não sou pederasta, pai. Sou poeta, não está vendo os louros? Um tipo de gente que você não conhece.

Matilde - E se fosse, Afonso, tu ia ter que amar ele do mesmo jeito.

Fantasma - Tu mudou muito, Matilde. No meu tempo, mulher não se metia nesses assuntos.

Matilde - Aqui no asilo, a gente aprende muita coisa nova. A psicóloga me adora.

Fantasma - Deixa de conversa fiada, Matilde. Eu quero saber o que que você fez do apartamento que eu deixei prá você? E por quê você não está morando nele?

Juvenal - A mãe precisa de cuidados, pai.

Dodô - A grana tá curta, Vovô.

Fantasma - Cadê a pequena fortuna que eu deixei no banco, Matilde?

Otávia - Eles já gastaram ela toda, Almirante.

(Ouve-se o canto do galo. O Fantasma se desconfigura e sai pela plateia.)

Fauno - Ele ficou brabo, Juvenal.

Juvenal - Ficou mesmo! Parecia que ia bater na gente.

Matilde - Vovô, não é uma boa coisa.

Fauno - (Rindo.) O primeiro a apanhar vou ser eu! Homofobia!

Juvenal - Você não tem nada com isso. A encrenca é comigo.

Matilde - E comigo. (Pequena pausa.) Vamos tomar a sopa. Já deve estar fria.

(Luz cai em resistência. Blecaute.)

Cena 17

A luz sobe em resistência. Matilde está no patíbulo, já com a forca ao pescoço. Suas mãos estão amarradas na frente do corpo. Ela tem o ar grave e não se move. Dodô, Otávia e Fauno estão sentados nas cadeiras brancas espalhadas pelo palco. Tem o ar carregado e também não se movem. Juvenal está sentado na cadeira de rodas, ainda no proscênio; o Judas-Mulher no seu colo, com as entranhas aos pedaços.

Juvenal – (Um pouco desorientado e falando com dificuldade.) Uma clínica? Clínica de quê? Mas ela não está morando na tua casa? Um asilo, você quer dizer? E quem vai pagar isso? Ela, com o dinheiro da venda do apartamento... Por que ela não fica no teu apartamento? Escuta, você! Você tem uma suíte vazia no segundo andar. Bota ela lá com duas cuidadoras. Com metade desse dinheiro você bota gente prá cuidar dela. Mantém ela na família. Vai isolar ela da família. Deixar uma pessoa num asilo. Dia após dia esperando a morte. As pessoas vão ter que passar por uma velhinha numa cadeira de rodas com uma fralda empapada fedendo à urina. (Pequena pausa.) Alô, alô! Covarde, desligou o telefone.

Matilde – (Impassível, no patíbulo.) Pois é, ela achou melhor.

Juvenal - (Tentando enfiar de volta os enchimentos do Judas-Mulher.) Lembra, mãe? Quando você convidava os anões para o meu aniversário? Nunca vou me esquecer daqueles rostos mágicos de pássaros. Tudo que eu sei sobre a arte do circo, eu aprendi com os anões que você convidava para o meu aniversário.

(Ouvem-se os primeiros acordes do "Mano a mano". Do fundo do palco, surge o Fantasma do Almirante, vestido para o baile e com uma caixa de bombons nas mãos. Ele sobe ao patíbulo. Traz uma forca em seu pescoço.)

Fantasma – Eu estava bêbado. E inventei toda aquela história para ver se você lembrava da data de hoje. Não adiantou nada. (Dando a caixa de bombons para ela.) Feliz bodas de ouro, Matilde.

(Ele se abraçam e começam a dançar o tango. Na cadeira de rodas, Juvenal manuseia as entranhas do Judas-Mulher e tira um punhado de cinzas lá de dentro. Enquanto fala, com a voz pesada, as deixa cair lentamente sobre o chão. Otávia, Dodô e o Fauno também retiram cinzas de debaixo de suas vestes e as deixam lentamente sobre o chão. Ouvem-se os bombardeios. Todos congelam. Juvenal se levanta e fala para a plateia, com o que sobrou do Judas-Mulher pendurado numa das mãos. Seu tom é frio, e apenas narrativo.)

Juvenal - Quinze anos após a morte de meu pai, o apartamento foi vendido por uma ninharia. O que minha mãe recebeu, mal deu para pagar as despesas com os dois anos que ela passou confinada no asilo, por crueldade da filha e omissão do filho mais novo. Quando se teve a necessidade de obviamente se fazer o inventário para se poder vender o apartamento, do dinheiro vultuoso que meu pai deixou depositado no banco não se falou mais. Hoje, depois de uma luta judicial, minha mãe com noventa e seis anos, mora comigo. Naturalmente, ela acha que eu sou o outro filho dela, com quem ela esperava viver até o fim. Mas o que que a gente vai fazer? Ela que é feliz, por adaptar a realidade aos seus sonhos. Até porque foi a última coisa que lhe sobrou. (Pequena pausa.) Por último, mas não menos importante... Pensei em chamar a essa peça de "A Rainha Lear". Mas decidi não abusar mais de Shakespeare. E entre seus vilões e vilãs, me contentar apenas com seu Fantasma. Boa noite.

(Ele sai pelo fundo da cena, arrastando na mão os restos esfrangalhados do Judas-Mulher, que larga suas entranhas pelo caminho. Enquanto Juvenal sai, todos emitem um longo e pavoroso grito. Blecaute, apenas quando Juvenal desaparece no fundo do palco, com o Judas-Mulher na mão,)

Pedro Teixeira 2017/2019